



DE MEXICANA A CHICANA: investigando a trajetória da escritora Lucha Corpi

Juliana Machado Meanda¹

Lucha Corpi é uma das escritoras pioneiras da literatura chicana e precursora da ficção detetivesca feminina chicana, sendo um de seus nomes mais conhecidos. Ela nasceu no México em 1945, na pequena cidade de Jáltipan, Veracruz, um povoado de forte tradição oral – na área musical e de contação de histórias –, onde passou sua infância. Depois, mudou-se para San Luis Potosí, cidade em que viveu sua adolescência e onde conheceu Guillermo Hernández, com quem se casaria. Com apenas 19 anos de idade, recém-casada, ela o acompanhou em mudança para os Estados Unidos, e sua chegada a esse país foi mais precisamente na cidade de Berkeley, estado da Califórnia, em 1964, local e época de grande agitação social, política e cultural. Seu marido migrou para estudar na Universidade da Califórnia em Berkeley, onde Lucha posteriormente estudaria também. Lá ela obteve o título de bacharel em Literatura Comparada, e mais tarde concluiu seu Mestrado em Literatura Mundial e Comparada na Universidade do Estado de São Francisco.

Apesar de ter aprendido ainda menina a recitar poemas, Lucha relata ter começado a escrever aos 24 anos de idade devido a uma forte necessidade de expressar o que estava acontecendo em sua vida na época, quando passava por um divórcio, cuidava de um filho pequeno e tinha poucos amigos; deste modo, escrever era uma espécie de ritual de cura para ela, que dividia seu tempo entre seu papel de mãe e seu trabalho como secretária para sustentar sua família (IKAS, 2002, p. 71). Desta forma, ela começou sua escrita a partir de uma dor pessoal, vendo-se como imigrante e mãe solteira em um país cuja língua ainda não dominava e em uma cultura bastante diferente daquela de sua origem, abrindo um espaço/tempo para si e sua escrita além do emprego em horário integral e do cuidado com a casa, o que

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde é bolsista. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: julianameanda@id.uff.br.

acabou gerando uma ampla obra, que reflete as dores e conquistas das chicanas ao longo do tempo.

Corpi iniciou sua escrita pela poesia – em espanhol, sua língua materna. Seus poemas foram publicados pela primeira vez em uma coletânea em 1976, e em 1989 foi publicado o seu primeiro livro de ficção, em língua inglesa. Ela possui múltiplas facetas como escritora: publicou poesia em espanhol, prosa em inglês e literatura infantil bilíngue, dentre outros gêneros². Embora seja uma poeta e romancista reconhecida e premiada, sua trajetória literária foi desenvolvida em grande parte em paralelo à sua carreira como professora em tempo integral, função à qual dedicou-se por mais de 30 anos. A maior parte de sua vida adulta se deu em Oakland, na Califórnia, cidade em que ainda reside atualmente e onde foi professora de inglês como segunda língua em escolas públicas, se aposentando em 2005. Quando migrou para os Estados Unidos, ela não sabia a língua inglesa, mas superou esta barreira, participou dos movimentos pelos direitos civis das mulheres e dos chicanos e ainda tornou-se professora, ajudando outros migrantes em sua adaptação ao país.

Lucha Corpi nasceu Luz del Carmen Corpi Constantino, e escolheu seu nome legal e artístico a partir de seu apelido desde menina – Lucha – e de seu sobrenome paterno – Corpi – escolha relacionada também à sua identificação como escritora chicana, um nome forte que significa “luta” em espanhol, que pode ser associado especialmente às batalhas que travam as mulheres chicanas. Como ela mesma relata em uma entrevista: “Meu nome, Lucha, que é na verdade meu apelido e nome de escritora, significa ‘luta’ em espanhol. Então eu luto pelas causas em que acredito, tanto pessoalmente como na escrita.”³ (CORPI, 2017, n.p.) [tradução livre]. A autora traz em sua obra muito do que experienciou em sua própria vida, e sua ficção detetivesca é especialmente interessante por trazer como protagonista Gloria Damasco, a primeira detetive feminina da literatura chicana.

Tanto Lucha Corpi como sua protagonista Gloria Damasco consideram-se chicanas, evidenciando sua consciência étnica, uma vez que o termo “chicana/o” refere-se

² Segue no Anexo a bibliografia de Lucha Corpi, até o momento.

³ “My name, Lucha, which is really my nickname and writer’s name, means ‘struggle’ in Spanish. So I fight for the causes I believe in, in person as in writing.” (CORPI, 2017, n.p.)

tanto a mexicanas/os residentes dos Estados Unidos (como a autora) quanto a nascidas/os em território estadunidense de ascendência mexicana (como sua personagem Gloria). Este era um termo usado pejorativamente pela cultura branca dominante dos Estados Unidos, que foi apropriado pelos próprios mexicano-americanos em meados da década de 1960, época dos movimentos pelos direitos civis, e adotado com um significado de autoafirmação, como uma escolha da própria identidade, expressando o orgulho cultural de uma herança mexicana comum (CASTRO, 2001, p. 46). Ou seja, “chicana/o” é uma designação conscientemente assumida, uma forma de resistência e de posicionamento político diante do contexto social. A própria autora afirma: “Eu fui, sou e serei uma escritora chicana por opção, mas também porque tenho duas culturas que igualmente determinam quem eu sou, que me formaram e que estarão refletidas no meu trabalho de uma forma ou de outra.”⁴ (CORPI, 2006a, p. 109) [tradução livre]. Ainda sobre essa questão da identificação com o termo, em outra entrevista a escritora declara:

Minha razão pessoal para me denominar uma “poeta chicana” tem a ver com minha afiliação política com o Movimento Chicano de Direitos Civis em geral, e, em particular, com causas que visam combater o racismo em todas as suas manifestações, que são a favor do emprego, da igualdade étnica e de gênero e de oportunidades educacionais em todos os níveis para crianças de cor, independentemente da etnia. Encorajo a solidariedade entre as muitas comunidades mexicanas e latinas para o alcance desses objetivos em nível nacional.⁵ (CORPI, 2012, p. 89) [tradução livre]

A partir de sua posição e consciência política, Corpi transita do lirismo à criminalidade, ou seja, da rima ao crime, “*from rhyme to crime*”, evidenciando sua versatilidade como escritora e seu hibridismo cultural. Em seu livro de relatos e memórias pessoais, *Confessions of a Book Burner* (2014), Lucha conta que quando era menina ficou fascinada com as histórias de crime que lia em um jornal regional, desenvolvendo assim um gosto pelo tipo de crime por trás do qual havia a “inteligência” de alguém trabalhando – tanto a do criminoso como a do investigador. Acima de tudo, sua escrita de crime e mistério envolve uma questão ética, como ela

⁴ “I was, I am and I will be a Chicana writer by choice, but also because I have two cultures that equally determine who I am that have formed me and that are going to be reflected in my work in one way or the other.” (CORPI, 2006a, p. 109)

⁵ “My personal reason for calling myself a ‘Chicana poet’ has to do with my political affiliation with the Chicano Civil Rights Movement in general and, in particular, with causes that aim to fight racism in all its manifestations, that are in favor of employment, gender, and ethnic equality and educational opportunities at all levels for children of color, regardless of ethnicity. I encourage solidarity among the many Mexican and Latino communities toward the achievement of these goals at a national level.” (CORPI, 2012, p. 89)

mesma comenta: “[...] eu acho que tanto meu grande amor pela história detetivesca quanto meu forte desejo de trazer justiça, ainda que poética, são as principais razões pelas quais escrevo ficção detetivesca.”⁶ (CORPI, 2006b, n.p.) [tradução livre]. Sua série detetivesca resgata aspectos históricos e culturais chicanos que evidenciam injustiças sociais e questões políticas que fazem parte de seu grupo étnico, levantando ainda questões de gênero.

Aqui serão sucintamente abordados os três primeiros livros da sequência: *Eulogy for a Brown Angel* (1992), *Cactus Blood* (1995) e *Black Widow's Wardrobe* (1999).⁷ Todos os livros da série foram publicados pela *Arte Público Press*, editora da cidade de Houston, no estado do Texas, fundada em 1979 e focada em autores hispânicos dos Estados Unidos. Em *Eulogy for a Brown Angel* (1992), a narrativa inicia em plena marcha da Moratória Chicana, protesto contra a Guerra do Vietnã ocorrido em 1970 em Los Angeles. *Cactus Blood* (1995) retoma o boicote às uvas de 1973 na Califórnia promovido pela União de Trabalhadores Agrícolas, enquanto *Black Widow's Wardrobe* (1999) revisita o mito da figura histórica e ao mesmo tempo lendária de “La Malinche”, mulher indígena que teve papel decisivo na Conquista do México. Deste modo, a reconstrução da herança mexicana nos Estados Unidos torna-se tão – ou até mais – importante do que a solução do mistério. A autora evidencia em sua obra um forte teor político, enfatizando tópicos que dizem respeito à comunidade chicana através da inserção de figuras representativas, símbolos e episódios marcantes para esta coletividade. Esta série ressalta aspectos muitas vezes dissimulados de preconceito e injustiça social da hegemonia branca estadunidense em relação ao povo chicano e ao mesmo tempo problematiza esta comunidade, evidenciando que o termo não abarca um grupo homogêneo, mas que mesmo tratando-se de uma coletividade com questões comuns há muitas desigualdades internas, especialmente em relação à condição da mulher.

A própria *Lucha* discorre sobre a importância das suas personagens femininas, afirmando que são elas as mais significativas, e que sente-se atraída por

⁶ “[...] I think that both my great love for the detective story and my strong desire to bring about justice, even if poetic, are the main reasons I write detective fiction.” (CORPI, 2006b, n.p.)

⁷ Os outros dois títulos desta série – *Crimson Moon* (2004) e *Death at Solstice* (2009) – não entram no escopo da presente análise.

personagens que são mulheres fortes, capazes de assumir responsabilidade por suas ações e lidar com a liberdade que têm, afirmando ainda o quanto aprende através delas, ganhando uma perspectiva muito mais ampla e revisando suas crenças (IKAS, 2002, p. 76). Novamente em entrevista ela afirma: “[...] os anos 1960 e 1970 me ajudaram a formar uma consciência sócio-política, e o movimento de libertação das mulheres também me influenciou [...]”⁸ (CORPI, 2017, n.p.) [tradução livre]. É possível perceber a forte influência do Movimento Chicano ocorrido nessa época em sua série detetivesca, que retrata diversos acontecimentos relevantes, colocando a investigação criminal como um dos múltiplos tópicos a serem expostos e examinados. O crime é configurado como um elemento através do qual são trazidas à tona diversas questões mais profundas relativas ao seu contexto, examinando aspectos históricos e culturais chicanos.

A escritora e teórica chicana Naomi Helena Quiñonez afirma que as escritoras chicanas, assim como a maioria das ativistas chicanas, foram tornadas invisíveis dentro do Movimento Chicano e relegadas à periferia do movimento cultural, e que por cerca de dez anos, entre 1970 e 1980, as chicanas escreveram às margens da cultura dominante e às margens do próprio Movimento Chicano (QUIÑONEZ, 2002, p. 136). Ou seja, as chicanas foram negadas, desvalorizadas ou omitidas em dois tipos de discurso: o discurso anglo-americano dominante e o discurso chicano masculino (QUIÑONEZ, 2002, p. 141). Essa questão é também retratada na série de Corpi, que coloca sua personagem Gloria em situações nas quais sua condição de mulher, aliada à sua etnia, é um fator de discriminação. Quiñonez (2002, p. 149) coloca ainda que as escritoras chicanas muitas vezes servem como receptáculos para criar perspectivas alternativas e autopercepções que inserem a experiência pessoal com o propósito de transcender a opressão. Assim é a obra de Lucha Corpi, que insere muito de suas vivências pessoais como temas de sua escrita.

No primeiro livro da série, *Eulogy for a Brown Angel* (1992), Gloria Damasco é uma jovem mulher, casada e mãe de uma filha pequena, além de ser uma ativista do Movimento Chicano. A narrativa inicia quando ela está participando do protesto que ficou conhecido como a Marcha da Moratória Chicana, contra a Guerra do Vietnã e

⁸ “[...] the 1960s and 70s helped me to form a socio-political conscience and the women’s lib movement also influenced me [...]” (CORPI, 2017, n.p.)

pela justiça social dentro dos Estados Unidos, que de fato ocorreu em Los Angeles no ano de 1970. Nesse cenário, ela acidentalmente encontra o corpo de um menino chicano, morte que será decisiva na transformação que se dará em sua vida, pois a partir daí ela acaba tornando-se uma detetive amadora. Gloria demonstra seu envolvimento emocional, sendo esse o motivo pelo qual ela se torna uma investigadora, buscando solucionar o caso e trazer justiça: “Mas o espírito da criança morta se apoderou de mim. Eu não seria mais capaz de continuar minha vida sem sentir sua presença em mim.”⁹ (CORPI, 1992, p. 28) [tradução livre]. A partir de seu envolvimento, Gloria começa a ter visões, que por não compreendê-las muito bem nem saber como interpretá-las, denomina essa espécie de clarividência de dom sombrio, *dark gift*. Ela reflete sobre essas suas novas sensações, tentando analisar racionalmente o que experimenta, apesar de sua impossibilidade de domínio: “Algo sobre o qual eu não parecia ter qualquer controle estava agindo sobre ou ao redor de mim. [...] Meu lado racional me dizia que essa sensação devia ser simplesmente a manifestação de um sistema nervoso sobrecarregado.”¹⁰ (CORPI, 1992, p. 29) [tradução livre]. Além disso, outra característica de destaque de Gloria é sua consciência política sobre o contexto social dos chicanos – e das chicanas – que se expressa em diversos momentos, como na passagem a seguir, quando a personagem revela ter consciência da situação da mulher chicana dentro do movimento: “O nacionalismo chicano e o feminismo não caminhavam de mãos dadas antes ou durante o verão de 1970.”¹¹ (CORPI, 1992, p. 66) [tradução livre]. Assim, a protagonista revela a discriminação sofrida pelas mulheres chicanas dentro do próprio Movimento Chicano, como apontado por Quiñonez. Ao longo da obra é ressaltada a ambivalência entre os aspectos intuitivos e racionais de sua personalidade e também entre seus papéis de mãe/esposa e de investigadora, o que a faz deixar de lado a investigação, retomando o caso e finalmente solucionando-o somente em 1988, dezoito anos após o seu início.

⁹ “But the spirit of the dead child had taken hold of me. I would no longer be able to go about my life without feeling his presence in me.” (CORPI, 1992, p. 28)

¹⁰ “Something over which I didn’t seem to have any control was working in me or around me. [...] The rational part of me told me this sensation had to be simply the manifestation of an overloaded nervous system.” (CORPI, 1992, p. 29)

¹¹ “Chicano nationalism and feminism didn’t walk hand in hand before or during the summer of 1970.” (CORPI, 1992, p. 66)

No segundo volume da série, *Cactus Blood* (1995), Gloria já é uma mulher madura. Viúva e com sua filha independente, ela vive um momento em que almeja tornar-se uma investigadora particular profissional. O ano é 1989 e a narrativa inicia com a morte de um ativista chicano, em cujo apartamento é encontrado um vídeo que mostra cenas da greve da União de Trabalhadores Agrícolas de 1973. Também naquele ano foi promovido um boicote às uvas, que Gloria afirma ter apoiado, mostrando mais uma vez o seu comprometimento com a causa chicana. O vídeo, passado mais de 15 anos antes, suscita um sentimento nostálgico em Gloria: “Percebi que [...] eu havia me tornado politicamente nostálgica. Eu sabia que estava mergulhada em uma melancolia saudosa, desejando que as coisas fossem do jeito que costumavam ser no final dos anos 60 e início dos anos 70.”¹² (CORPI, 1995, p. 21) [tradução livre]. Contudo, suas emoções se mostram conflitantes: “Intellectualmente, percebi que era tolice sentir saudade dos tempos mais opressivos e repressivos que nós, como chicanos, havíamos vivenciado.”¹³ (CORPI, 1995, p. 21) [tradução livre]. Ela relembra ainda de quando começou a despertar sua clarividência: “Eu tinha vinte e três anos quando descobri pela primeira vez que eu tinha uma consciência extrassensorial – meu dom sombrio. Desde então, eu sabia que não tinha mais controle sobre seus ritmos do que sobre as batidas do meu coração.”¹⁴ (CORPI, 1995, p. 32) [tradução livre]. Assim, apesar de lidar com seu dom sombrio há quase duas décadas, ela manifesta sua incapacidade de controlar suas visões, e ressalta que sente-se compelida a agir e buscar um significado a partir delas, que acabam sendo aliadas na condução dos casos que investiga e auxiliando em suas resoluções.

Já no terceiro título da sequência, *Black Widow's Wardrobe* (1999), Gloria é uma investigadora particular profissional. O ano não é explicitado na obra, mas é subentendido que seu novo caso se passa em 1990. Esse volume revisita o mito popular da figura histórica e ao mesmo tempo lendária de “La Malinche”, também

¹² “I realized [...] I had grown politically nostalgic. I knew I was wallowing in wistfulness, wishing that things were the way they used to be in the late sixties and early seventies.” (CORPI, 1995, p. 21)

¹³ “Intellectually, I realized it was foolish to long for the most oppressive and repressive times we, as Chicanos, had experienced.” (CORPI, 1995, p. 21)

¹⁴ “I was twenty-three when I’d first discovered I had an extrasensory awareness – my dark gift. Since then, I had known that I had no more control over its rhythms than I had over my heart’s beating.” (CORPI, 1995, p. 32)

por vezes denominada Malintzin ou Doña Marina, mulher indígena que teve papel decisivo durante a Conquista do México como tradutora entre espanhóis e nativos. As pistas para o caso de Gloria a levam cada vez mais para a história desta figura, que é um símbolo da mestiçagem e que por muito tempo foi julgada como traidora, e que tem sido revisada por escritoras feministas, como Lucha Corpi. Gloria então pesquisa informações sobre Malinche e cita a Biblioteca de Estudos Chicanos da Universidade da Califórnia em Berkeley e pesquisadores renomados da área, como a teórica e acadêmica feminista chicana Norma Alarcón, professora emérita da Universidade da Califórnia em Berkeley. Em um artigo sobre Malinche, ela afirma que esta pode ser comparada a Eva, especialmente quando vista como a origem da “queda” do povo mexicano e a procriadora de um povo “caído” (ALARCÓN, 1989, p. 58). Ela coloca ainda que as chicanas, durante e depois do Movimento Chicano, têm sido rotuladas de “malinches” ou “vendidas” por alguns, o que as levam a vindicar Malinche de diversas maneiras (ALARCÓN, 1989, p. 63). Gloria reflete sobre o simbolismo e o revisionismo desta figura: “Logo percebi que algumas chicanas contemporâneas haviam assumido a tarefa de revisar a história de Malinche e de limpar seu nome.”¹⁵ (CORPI, 1999, p. 97) [tradução livre]. Assim, como ressalta Alarcón (1989, p. 72) [tradução livre]: “Não é só a apropriação e a revisão de Malintzin que estão em jogo, mas a própria autoexploração, autodefinição e autoinvenção cultural das chicanas através e além do sistema e do contrato sócio-simbólico da comunidade.”¹⁶ É interessante notar que Gloria continua a lidar com seu dom sombrio de forma ambivalente: “Meu dom sombrio era uma benção mista na melhor das hipóteses, mas era uma parte de mim, uma parte que minha razão sempre tentava negar ou controlar.”¹⁷ (CORPI, 1999, p. 10) [tradução livre]

Neste breve percurso pelos três títulos, é possível perceber que a detetive Gloria se volta muitas vezes para momentos históricos passados como forma de buscar a resolução dos casos que investiga, corroborando o tema da editora que publica boa

¹⁵ “I soon realized that some modern-day Chicanas had taken up the task of revising Malinche’s history and clearing her name.” (CORPI, 1999, p. 97)

¹⁶ “It is not only Malintzin’s appropriation and revision that is at stake, but Chicanas’ own cultural self-exploration, self-definition, and self-invention through and beyond the community’s sociosymbolic system and contract.” (ALARCÓN, 1989, p. 72)

¹⁷ “My dark gift was a mixed blessing at best, but it was a part of me, a part my reason always tried to deny or control.” (CORPI, 1999, p. 10)

parte da obra de Corpi, a *Arte Público Press*: “*Recovering the past, creating the future*” (“Recuperando o passado, criando o futuro”). Tal máxima se refere ao resgate da literatura latina nos Estados Unidos promovido por tal editora e pode ser relacionada também ao dom de Gloria, que, ao investigar o que se passou, recebe informações sobre o futuro por meio de suas visões. Em sua série, Corpi resgata eventos e figuras históricas, reconta e ressignifica momentos e símbolos, e ao olhar para trás, aponta para a frente. Sua escrita empreende movimentos contra-hegemônicos, apresentando identidades historicamente subalternizadas que se colocam como uma forma de resistência cultural. Como a própria autora analisa, os romances de crime chicanos exploram temas como espiritualidade e religião, busca por justiça e igualdade socioeconômica, história do povo mexicano no México e nos Estados Unidos, a reinterpretação de lendas e mitos, afirmando ainda que a ficção criminal chicana oferece, em alguns casos, o melhor veículo para explorar muitos desses assuntos, que refletem a realidade das pessoas comuns, que se encontram em meio a conflitos, violências e injustiças. (CORPI, 2014)

Desta forma, há na obra de Corpi uma estreita ligação entre as esferas individual/literária e social/política. Como aponta a teórica de Estudos Chicanos e professora da Universidade de Stanford na Califórnia Yvonne Yarbro-Bejarano: “As escritoras chicanas devem superar os obstáculos materiais externos à escrita, tais como o acesso limitado à alfabetização e aos meios de produção literária, e encontrar tempo de pausa para escrever, dada a batalha pela sobrevivência econômica.”¹⁸ (YARBRO-BEJARANO, 1996, p. 215) [tradução livre]. Assim, a escritora chicana escreve “apesar de”, em um ato de luta e resistência da voz feminina de uma raça oprimida por séculos, buscando o empoderamento de si e das outras mulheres de sua etnia, lutando contra as dificuldades materiais e emocionais impostas pela hegemonia e buscando alternativas através das fendas do poder dominante. Ainda a esse respeito, Yarbro-Bejarano complementa:

A exclusão das chicanas da autoridade literária está intimamente ligada à exclusão das chicanas de outros tipos de poder monopolizados por homens brancos privilegiados. Sua luta para se apropriar do “eu” do discurso literário

¹⁸ “Chicana writers must overcome external, material obstacles to writing, such as limited access to literacy and the means of literary production, and finding time and leisure to write, given the battle for economic survival.” (YARBRO-BEJARANO, 1996, p. 215)

se relaciona com sua luta pelo empoderamento nas esferas econômica, social e política.¹⁹ (YARBRO-BEJARANO, 1996, p. 213) [tradução livre]

Deste modo, Lucha Corpi, assim como outras escritoras chicanas, lutaram e continuam lutando para produzir sua arte, enfrentando obstáculos os mais diversos, que se relacionam a seu gênero, etnia e classe social, criando espaços de resistência dentro do país onde vivem e de sua comunidade. Corpi (2014) narra que às vezes, quando está escrevendo, pensa em sua avó e no que ela falou em uma noite tropical, há muito tempo: “não há justiça no mundo”, lamentando por nunca ter tido a chance de dizer a ela que às vezes escreve para trazer justiça, mesmo que poética.

REFERÊNCIAS

ALARCÓN, Norma. Tradutora, Traditora: a paradigmatic figure of Chicana feminism. **Cultural Critique**, n. 13, p. 57-87, 1989. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1354269> Acesso em: 22 abr. 2017.

CASTRO, Rafaela G. **Chicano Folklore: A Guide to the Folktales, Traditions, Rituals and Religious Practices of Mexican-Americans**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CORPI, Lucha. **Eulogy for a Brown Angel**. Houston: Arte Público Press, 1992.

_____. **Cactus Blood**. Houston: Arte Público Press, 1995.

_____. **Black Widow's Wardrobe**. Houston: Arte Público Press, 1999.

_____. Lucha Corpi. **Spectator**, n. 26, p. 107-112, 2006a. Entrevista concedida a Osa Hidalgo de la Riva. Disponível em: <https://cinema.usc.edu/assets/097/15708.pdf> Acesso em: 21 ago. 2018.

_____. The Lucha Corpi Interview. **La Bloga**, 2006b. Entrevista concedida a Manuel Ramos. Disponível em: <https://labloga.blogspot.com/2006/01/lucha-corpi-interview.html> Acesso em: 15 set. 2018.

_____. Through the Looking Glass and Under the Magnifying Glass: Interview with Chicana-Latina Writer Lucha Corpi. **Voices of Mexico**, n. 94, p. 89-92, 2012. Entrevista concedida a Claire Joysmith. Disponível em: <http://www.revistascisan.unam.mx/Voices/pdfs/9417.pdf> Acesso em: 12 ago. 2018.

¹⁹ “The exclusion of Chicanas from literary authority is intimately linked to the exclusion of Chicanas from other kinds of power monopolized by privileged white males. Their struggle to appropriate the ‘I’ of literary discourse relates to their struggle for empowerment in the economic, social and political spheres.” (YARBRO-BEJARANO, 1996, p. 213)

_____. **Confessions of a Book Burner**: personal essays and stories. Houston: Arte Público Press, 2014.

_____. Lucha Corpi: In Conversation with Ketaki Datta. **Muse India**: the literary ejournal, n. 73, 2017. Entrevista concedida a Ketaki Datta. Disponível em: <http://www.museindia.com/Home/ViewContentData?arttype=articles&issid=73&menuid=7271> Acesso em: 5 jul. 2018.

IKAS, Karin Rosa. **Chicana Ways**: conversations with ten Chicana writers. Reno: University of Nevada Press, 2002.

QUÍÑONEZ, Naomi H. Re(Riting) the Chicana Postcolonial: from Traitor to 21st Century Interpreter. In: ALDAMA, Arturo J.; _____. **Decolonial Voices**: Chicana and Chicano Cultural Studies in the 21st Century. Bloomington: Indiana University Press, 2002.

YARBRO-BEJARANO, Yvonne. Chicana Literature from a Chicana Feminist Perspective. In: HERRERA-SOBEK, María; VIRAMONTES, Helena María (eds.). **Chicana Creativity and Criticism**: new frontiers in American literature. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1996.

ANEXO - Bibliografia de Lucha Corpi

- Confessions of a Book Burner: Personal Essays and Stories (memórias e relatos pessoais). Arte Público Press, 2014
- The Triple Banana Split Boy/El niño goloso (literatura infantil bilíngue). Arte Público Press, 2009
- Death at Solstice: A Gloria Damasco Mystery (ficção detetivesca). Arte Público Press, 2009
- Crimson Moon: A Brown Angel Mystery (ficção detetivesca). Arte Público Press, 2004
- Black Widow's Wardrobe: a Gloria Damasco Mystery (ficção detetivesca). Arte Público Press, 1999
- Where Fireflies Dance/Ahí, donde bailan las luciérnagas (literatura infantil bilíngue). Children's Book Press, 1997 (reeditado em 2013 por Lee & Low Publishers)
- Máscaras (organizadora – compilação de ensaios de escritoras latinas contemporâneas nos Estados Unidos). Third Woman Press, 1997
- Cactus Blood: a Gloria Damasco Mystery (ficção detetivesca). Arte Público Press, 1995
- Eulogy for a Brown Angel: a Gloria Damasco Mystery (ficção detetivesca). Arte Público Press, 1992
- Variaciones sobre una Tempestad/Variations on a Storm (poesia em espanhol – tradução para o inglês de Catherine Rodríguez-Nieto). Third Woman Press, 1990
- Delia's Song (ficção). Arte Público Press, 1989
- Palabras de Mediodía/Noon Words (poesia em espanhol – tradução para o inglês de Catherine Rodríguez-Nieto). Fuego de Aztlan, 1980 (reeditado em 2001 pela Arte Público Press)
- Fireflight: Three Latin American Poets (coletânea de poesia – com Elsie Alvarado de Ricord e Concha Michel; tradução para o inglês de Catherine Rodríguez-Nieto). Oyez, 1976.